

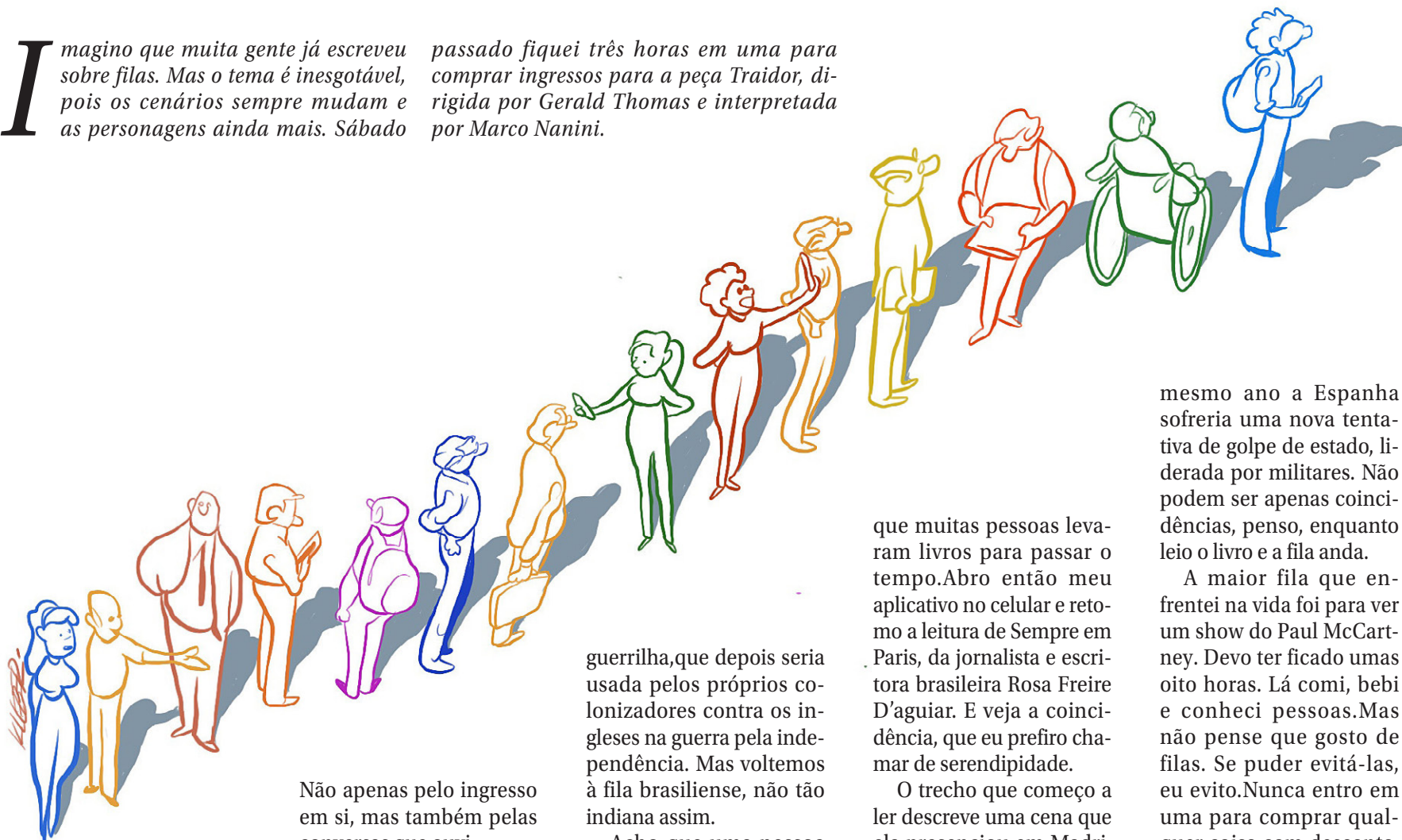
CRÔNICA

BetoSeabra • betoseabra2010@gmail.com



Filas e filas

Imagino que muita gente já escreveu sobre filas. Mas o tema é inesgotável, pois os cenários sempre mudam e as personagens ainda mais. Sábado passado fiquei três horas em uma para comprar ingressos para a peça *Traidor*, dirigida por Gerald Thomas e interpretada por Marco Nanini.



Quando esta crônica estiver sendo lida, o espetáculo já terá estreado e eu ainda não o terei visto, então não quero nem posso falar sobre ele, mas sim sobre a fila que se formou em frente à Caixa Cultural.

Fiquei horas em pé para conseguir um lugar no teatro. Valeu a espera.

Não apenas pelo ingresso em si, mas também pelas conversas que ouvi.

Eu não sabia, mas a expressão “fila indiana” vem da forma que os colonos norte-americanos viam os indígenas da região, pois os guerreiros nativos andavam um atrás do outro, diligentemente pelas florestas, e os que vinham atrás cobriam as pegadas dos que vinham à frente para enganar os inimigos. Era uma estratégia de

guerrilha, que depois seria usada pelos próprios colonizadores contra os ingleses na guerra pela independência. Mas voltemos à fila brasileira, não tão indiana assim.

Acho que uma pessoa pode ser classificada pela forma que se comporta quando está em uma fila. Uns ficam calmos, outros conversadores, e outros, ainda, irritados. Uns preferem chegar mais cedo e ficar menos tempo na fila. Outros preferem arriscar e chegar já na hora do encerramento do expediente da bilheteria.

Enquanto espero, vejo

que muitas pessoas levaram livros para passar o tempo. Abro então meu aplicativo no celular e retomo a leitura de *Sempre em Paris*, da jornalista e escritora brasileira Rosa Freire D’aguilar. E veja a coincidência, que eu prefiro chamar de serendipidade.

O trecho que começo a ler descreve uma cena que ela presenciou em Madri, de velinhos espanhóis, muitos remanescentes da Guerra Civil Espanhola. Eles enfrentaram uma fila gigantesca para ver o *Guernica*, de Pablo Picasso, quando a obra voltou à Espanha com a restauração democrática, após ficar por décadas em um museu em Nova Iorque. Era 1981, e se comemorava o centenário de Picasso. Naquele

mesmo ano a Espanha sofreria uma nova tentativa de golpe de estado, liderada por militares. Não podem ser apenas coincidências, penso, enquanto leio o livro e a fila anda.

A maior fila que enfrentei na vida foi para ver um show do Paul McCartney. Devo ter ficado umas oito horas. Lá comi, bebi e conheci pessoas. Mas não pense que gosto de filas. Se puder evitá-las, eu evito. Nunca entro em uma para comprar qualquer coisa com desconto. Meu tempo é meu bem mais precioso.

Na filado sábado passado, que durou bem menos, não cheguei a fazer amigos, mas conheci gente interessante, troquei palavras amáveis sobre temas variados e transformei a espera em uma crônica para o Correio Braziliense. Pensando bem, não foi tão ruim assim.